

Doutrina

H P B
ELENA ETROVNA LAVATSKY

Texto de Thor Vaz Eustáquio

Livramento adaptado de

A Doutrina Secreta

De Helena Petrovna Blavatsky

Doutrina

HELENA PETROVNA BLAVATSKY

PRÓLOGO

**Uma mulher de semblante altamente iluminado, aparentemente entre 40 e 60 anos de idade. Ela parece sublime e atenta. Está sentada em uma cadeira simples, em uma sala cuja decoração está entre a década de 90 do século XIX e a década de 20 do século XX. Suas roupas são longas e distintas, com detalhes discretos e cores em harmonia com a decoração sóbria da sala. No cenário podemos observar uma flor de lótus. Canções possíveis: EU SOU O SOL; NERO.*

Não há neste mundo religião maior do que a verdade.

(breve silêncio, sorriso.)

Eu não sou autora desta obra, mas sim, de igual importância, a sua porta-voz. No quando das importâncias não de ser todas equivalentes, ainda que cada qual haja na matéria segundo suas próprias características e condicionamentos. Além disso, sendo eu uma estrangeira, bem como são os autores desta obra, observem os méritos no domínio de vossa linguagem, ainda que em algum momento possa ser nítida a nossa origem externa.

Em todavia, o conteúdo a ser exposto adiante não é uma revelação nunca vista na história, mas um apanhado diverso da matéria contida nas Escrituras de grandes religiões asiáticas e primitivas religiões europeias, e nos discursos incontidos de ditos hippies, loucos e/ou outras tantas cujo pensamento luminoso fora taxado como falta de sanidade.

Isto, que veremos a seguir, é apenas os fundamentos principais da Doutrina Secreta, aqui ela não será exposta em sua totalidade e com toda a sua amplitude.

E ao que dirão alguns: “Calma lá, pois que eu nunca em toda a minha vida ouvi falar de tal religião!” Respondo que a religião Hindu, ou Egípcia, à de Zoroastro, à de Caldeia, ou as mais famigeradas na atualidade como o Budismo, Islamismo e Cristianismo; todas elas têm sua origem na Doutrina Secreta.

(num rompante fala conclusiva e certa)

Atente-se ao fato: A natureza não é uma aglomeração fortuita de átomos. A ciência da civilização hodierna jamais se aproximou do lado Oculto da Natureza.

(sorri com satisfação, como se propositadamente tivesse aplicado um susto no interlocutor.)

(Volta a ficar sóbria. Muito cortez.)

Devo ainda insistir, para que este evento não seja uma perda de tempo para você, que é de extrema importância que se esforce para desvincular da sua análise crítica esta falsa crença tão difundida na sua cultura que separa de forma leviana os fatos reais das ficções, acreditando de forma ingênua que tantos homens e mulheres comuns podem criar do zero toda sorte de estórias e personagens mirabolantes, como se fossem uma espécie de Deus. A crença não é de todo errada, mas é manca em inúmeros pontos, e como já disse, leviana e ingênua. Então, à parte tudo o que você ainda não sabe, abra o seu coração ao respeito e ao aprendizado. Encerre aqui um capítulo injusto para a reestrea do verdadeiro conceito de Teatro.

Ao que me dirão sobre a minha coragem ao desvelar mistérios e propagar impropérios:

- Sobre a humanidade e seus julgamentos, não conheço nenhum tribunal de apelação que lhe seja inferior. Saibam que estou acostumada às injúrias e em contato diário com a calúnia. E encaro a maledicência com um sorriso de silencioso desdém.

Meu conselho é que seja amável no ouvir, e bondoso no julgar. O erro desce por um plano inclinado, ao passo que a verdade tem que subir penosamente a escarpa da colina.

De minimis non curat lex.

ATO 1

(Helena, como se possuída por uma máquina, propaga em transe frenético, ainda que totalmente equilibrado, as seguintes informações, em respiração única.)

A teosofista. A Doutrina Secreta. Isis sem Véu. 8 anos se passaram. O mundo Oculto. Budismo Exotérico. 1888. Esta obra, realizada no fim do século XIX, revelaria ao mundo tanto da Doutrina Esotérica quanto era possível fazê-lo no estágio de então da evolução humana. A partir do século seguinte, então, a obra poderia ser compreendida e discutida de maneira inteligente. O livro de Dzyan. A efeito de curiosidade, a autora atualmente consta de 57 anos.

(Continua de forma plácida, no mesmo suspiro em que recupera o fôlego.)

Onde hoje há deserto já houve vida abundante, e medíocre, e diversa como a que hoje se observa. Num primitivo mundo, onde o conceito de globalização era impossível porque nem mesmo o formato do Globo era de conhecimento da maioria, cada cidade tinha seus próprios costumes, saberes, tradições e os arquivos das histórias dos antepassados de seu povo. Muitas dessas cidades foram soterradas ao longo do que hoje são desertos. Juntamente com elas, e nem sempre ao acaso, suas valiosas bibliotecas.

Bibliotecas, diferente do que hoje pensa a maioria, não são apenas um amontoado de livros, bem como livros não são apenas amontados de letras impressas ou escritas em outro amontoado de papéis. Livros são tesouros. E mesmo os bilionários bancos da atualidade, que encerram em si o conceito complexo de valor apenas pela representatividade, não possuem mais riqueza do que possuíam muitas dessas Vastíssimas Bibliotecas cujas entradas foram encofradas por montanhas de infinitos grãos de areia. Uma riqueza inestimável, não totalmente perdida, posto que há guardiões que ainda acessam esses tesouros, quais, tais as moedas dos bancos, cada vez mais tornam-se apenas uma representação de conceitos etéreos. Leis expostas aos poucos e de forma complexa como escambo de gratidão e preparo.

Os vestígios de tais civilizações, juntamente com estas e outras tradições semelhantes, nos autorizam a dar crédito a várias lendas confirmadas por indianos e mongóis educados e cultos, que falam de imensas bibliotecas desenterradas das areias, assim como de relíquias diversas do antigo Saber Mágico, tudo isso guardado em lugar seguro. Assim: A Doutrina Secreta foi a religião universalmente difundida no mundo antigo e pré-histórico. As provas de sua difusão, os anais autênticos de sua história, uma série completa de documentos que demonstram o seu caráter e a sua presença em todos os países, juntamente com os ensinamentos de seus grandes Adeptos, existem até hoje nas criptas secretas das bibliotecas pertencentes à Fraternidade Oculta. Lá você poderá encontrar as bases e desdobramentos dos assuntos tratados aqui. Sendo o primeiro:

(Diz com muito entusiasmo)

Cosmogonia!

**Num rompante Helena solta um berro direcionado e sonoro. Aguarda em silêncio por 15 segundos e prossegue.*

Como você percebeu na máquina do tempo, no princípio reinava absoluto o silêncio, ou o Deus inativo. Deus enquanto potência divinatória, mas ainda longe do conceito que se aplica agora. E de repente um ponto de vida ecoou no plano possível relativo ao nosso entendimento.

Tudo isso que agora relato tive a oportunidade de ver ante os meus olhos por intermédio de documento pré-histórico conservado e indestrutível por água, fogo, terremoto ou qualquer ação do tempo.

Assim, o que hoje meu berro representa é a ação de movimento que se inicia e expande e percorre distâncias quase infinitas antes de retornar ao ponto de partida, sendo estes dois momentos para a eternidade alternados entre si. Som... Silêncio. Fora isso, claro, há muito que a sua intelectualidade ainda não pode mensurar.

Um fato: A Consciência Divina descansa em silêncio. Pós e antes disso, nunca adormece.

(sorri satisfeita)

Um caos para os sentidos, um cosmos para a razão; o silêncio, observe, é onipresente. Retire todos os ruídos que te embalam em todos os momentos e ali perceberá, constante e incorruptível, o silêncio. Escute a sua voz onipotente, deixe que Ele te embale com suas histórias do além-tempo. Nenhum ponteiro de relógio se sobrepõe ao silêncio, por isso, em silêncio, todos os relógios param. O silêncio e as trevas precedem a Consciência Divina em movimento, ali ela descansava, até que pelo movimento se dissipou tanto o silêncio quanto as trevas.

(dança sutilmente, algo que lembra o tai chi chuan.)

Sobre uma das trindades: A Divindade é um fogo misterioso vivo e as eternas testemunhas desta presença invisível são a Luz, o Calor e Umidade, tríade que abrange todo e qualquer fenômeno da natureza, como você pode observar, e deles são a causa. Sem Luz, Calor e Umidade não há movimento, e sem movimento não há nada.

****Helena vota a sentar-se, imóvel. Silencia por 15 segundos.***

(Helena solta seu berro novamente. E prossegue)

Quem poderá dizer qual dos sons foi o primeiro e qual o sucedeu, se como tudo que circunda é cíclico? ***(sobe na cadeira como se fosse tão leve quanto uma pluma, observando atentamente as imagens que descreve.)*** Sendo possível ter o privilégio de mirar do alto a cadeia sublime de eventos que se configura como um trilho em espiral, devo eu afirmar que os acontecimentos, mesmo cíclicos, mesmo infinitos, mesmo similares, são únicos já que em cada nova emissão se percebe uma evolução daquele mesmo em comparação com o seu anterior.

(volta a sentar-se, olhando fixamente para o interlocutor, mantendo o fluxo do discurso)

Digamos que você que me ouve tenha tido a oportunidade de mirar, em um parque de diversões, um delicado cavalinho azul em um carrossel em movimento. Digamos que o parque lhe parece completamente deserto, e apenas este carrossel em funcionamento faz com que este cavalinho passeie pelos seus olhos dezenas de vezes, repetidamente. Você diria que todos estes

passeios são iguais? Ou que a ação do calor, luz e umidade faz com que este mesmo cavalo tenha algo de diferente à cada nova passagem pelos seus olhos? A segunda hipótese é, geralmente, a correta. A este fato podemos nominar “Expiral Evolutiva.”

(Helena novamente berra. E aguarda em silêncio.)

(explica calmamente, como se contasse uma importante estória de ninar)

Existe ainda o momento em que não se vê o cavalo. Ele ronda a estrutura do carrossel e desaparece antes de ser visto novamente. Há também que se lembrar que o cavalo não passeia de fato, mas é passeado por inúmeras peças grandes e minúsculas que fazem parte da mecânica do brinquedo e constituem uma força invisível e imprescindível ao evento. Ambos sabemos que haverá um momento em que este imaginário cavalo irá parar o seu ciclo de movimento para iniciar o seu ciclo de passiva inércia estática. De repouso externo e intenso movimento interno. Pela ação do calor, luz e umidade, com certeza se desmontará até se decompor, ao que há muito já quase não se lembrará de quando ele passeava pelos estímulos de forças invisíveis ligadas à sua natureza.

Há isso diz-se “o dia e a noite”. “Diástole e Sístole”. “Expirar e Inspirar.” Vida e morte.

Por complexo que seja, posso desenhar. Mas vamos do início.



**Cor urgência pega um lápis e um papel e desenha os símbolos à cima à medida que explica.*

De forma simplória, no início havia apenas o espaço abstrato. Amplo, vasto, e outros adjetivos incabíveis para isto. Surgiu a matéria. Ela se expandiu ao horizonte, acelerou seu movimento. Surgiu a vida, a vértebra. A união do ser encarnado com toda a matéria em expansão forma a cruz. Fora do círculo, a cruz passa a ser um símbolo fálico, reprodutivo, simples. O símbolo do Tau, o martelo de Thor e a suástica possuíam representatividade semelhante apesar de terem ganhado características diferentes ao longo dos séculos e apropriação cultural de outros povos.

A primeira reprodução vem da natureza feminina, o terceiro símbolo, a matéria em expansão cria o homem, o ser fálico. A Divindade feminina é a primeira maternidade, e por isso a mais cultuada.



Com a queda da Terceira raça-raiz, simbolizada pelo Tau, símbolo fálico perpendicular à criação horizontal da natureza, por evolução natural tem início a quarta raça, cujo símbolo vertical anuncia a separação de dois sexos ou a ascensão de uma raça assexuada, em equilíbrio das

energias masculinas e femininas. Transformando-se, milênios depois, no emblema egípcio da vida, símbolo de vênus.

(Num rompante, uma palavra mágica)

Parabrahman.

Eu posso conceber como todos esses novos antigos conceitos podem ser difíceis de assimilar neste momento. Mas não tenha pressa.

Parabrahman não é "Deus", como não é *um* Deus. "É o Supremo e o não-Supremo (Paravam)". É o Supremo como causa, e o não o Supremo como efeito. Parabrahman é simplesmente, como Realidade sem par, o Cosmos que tudo contém — ou melhor, o Espaço cósmico infinito — no sentido espiritual mais elevado, naturalmente. A agregação coletiva do Cosmos em sua infinidade e eternidade. O Absoluto exclui naturalmente a possibilidade de toda relação com a ideia de finito ou condicionado.

(com agilidade mimetiza um diálogo entre dois personagens lúdicos, infantis, o mestre o seu discípulo. O diálogo tem um ritmo que poderia ser musicado)

Que é aquilo que sempre é? — O Espaço, o eterno Anupâdaka (que não tem pais).

Que é aquilo que sempre foi? — O Germe na Raiz.

Que é aquilo que sem cessar vai e vem? — É o Grande Alento.

Então há três Eternos? — Não, os três são um. — O que sempre é, é um; o que sempre foi, é um; o que sempre está sendo e vindo a ser, é também um; e este é o Espaço.

Explica, ó Lanu! — O Uno é um Círculo não interrompido e sem circunferência, porque não está em parte alguma e está em toda parte; o Uno é o Plano sem limites do Círculo, que manifesta um Diâmetro somente durante os períodos manvantáricos; o Uno é o Ponto indivisível que não está situado em parte alguma, e percebido em toda parte durante aqueles períodos. É a Vertical e a Horizontal, o Pai e a Mãe, a cúspide e a base do Pai, as duas extremidades da Mãe, que em realidade não chegam a parte alguma; porque o Uno é o Anel, como também os Anéis que estão dentro desse Anel. É a Luz nas Trevas, e as Trevas na Luz: "o Alento que é eterno". Atua de fora para dentro, quando está em toda parte, e de dentro para fora, quando não está em parte alguma. Expande-se (expiração e inspiração). Quando se expande, a Mãe se difunde e se dispersa; quando se contrai, a Mãe se encolhe e se concentra. Assim se produzem os períodos de Evolução e de Dissolução, Manvantara e Pradaya. O Germe é indivisível e ígneo; a Raiz (o plano do Círculo) é fria; mas durante a Evolução e o Manvantara, o seu revestimento é frio e radiante. O Alento quente é o Pai que devora a progênie dos Elementos de múltiplas faces (heterogêneos) e deixa os que têm uma só face (homogêneos). O Alento frio é a Mãe que os concebe, que os forma, que os faz nascer e que os recolhe novamente em seu seio para tornar a formá-los outra vez na Aurora (do Dia de Brahmâ, ou Manvantara).

(retorna ao seu eixo de sobriedade.)

A Doutrina Secreta estabelece três proposições fundamentais:

I. Um **PRINCÍPIO** Onipresente, Sem Limites e Imutável, sobre o qual toda especulação é impossível, porque transcende o poder da concepção humana e porque toda expressão ou

comparação da mente humana não poderia senão diminuí-lo. Está além do horizonte e do alcance do pensamento, ou, segundo as palavras do Mândûkya, é "*inconcebível e inefável*".

II. "O aparecimento e o desaparecimento de Mundos são como o fluxo e o refluxo periódico das marés."

III. A identidade fundamental de todas as Almas com a Alma Suprema Universal, sendo esta última um aspecto da Raiz Desconhecida; e a peregrinação obrigatória para todas as Almas, centelhas daquela Alma Suprema, através do Ciclo de Encarnação, ou de Necessidade, durante todo esse período. Em outras palavras: nenhum Buddhi puramente espiritual (Alma Divina) pode ter uma existência consciente independente, antes que a centelha, emanada da Essência pura do Sexto Princípio Universal — ou seja, da ALMA SUPREMA - haja passado por todas as formas elementais pertencentes ao mundo fenomenal do Manvantara, e adquirido a individualidade, primeiro por impulso natural e depois à custa dos próprios esforços, conscientemente dirigidos e regulados pelo Carma, escalando assim todos os graus de inteligência, desde o Manas inferior até o Manas superior; desde o mineral e a planta ao Arcanjo mais sublime (Dhyâni-Buddha). A Doutrina axial da Filosofia Esotérica não admite a outorga de privilégios nem de dons especiais ao homem, salvo aqueles que forem conquistados pelo próprio Ego com o seu esforço e mérito pessoal, ao longo de uma série de metempsicoses e reencarnações. Por isso dizem os hindus que o Universo é Brahman e Brahmâ; porque Brahman está em todo átomo do Universo, sendo os seis princípios da natureza a expressão ou os aspectos vários e diferenciados do Sétimo e Uno, a Realidade única do Universo, seja cósmico ou microcósmico; e ainda porque as permutações psíquicas, espirituais e físicas do Sexto (Brahmâ, o veículo de Brahman), no plano da manifestação e da forma, são consideradas, por antífrase metafísica, ilusórias e mayávicas. Embora a raiz de todos os átomos, individualmente, e de todas as formas, coletivamente, seja o Sétimo Princípio, ou a Realidade Una, em sua aparência manifestada, fenomenal e temporária tudo isso não é senão uma ilusão efêmera dos nossos sentidos.

Eu imagino como tudo é muito para você. Seja paciente e aproveite. A seguir lhes direi das 7 estâncias, ou 7 criações, ou 7 dias de criação.

O primeiro seria 0. O anterior. O existente enquanto nada. O todo, absoluto, ainda e para sempre fora da razão. Incompreensível.

O segundo se difere do primeiro de forma extremamente sutil. É o surgimento da ideia. A intenção, a possibilidade do germinar. O movimento apenas etéreo, e ainda mais sutil.

O terceiro é o surgimento do primeiro espaço. Lugar. O primeiro Reino. A primeira amplitude. Tanto Vastos Sistemas Solares quanto o mais íntimo átomo.

A quarta estância é o surgimento dos Dhyân Chohans, ou a Criação dos Deuses. O tempo. Os criadores que modelam e direcionam a matéria.

Em quinto a formação dos mundos. O resultado das primeiras criações dos criadores, os espaços formatados, espaços de futura evolução, espaços sob a égide do tempo, espaços-corpos. Universos Solares, cadeias planetárias ou simples planetas.

Em sexto dá-se a evolução e maturação dos mundos. As jornadas de puberdade dos planetas e sistemas antes da habitação de vidas micro-orgânicas.

Em sétimo a descida da vida até o surgimento do homem.

(Helena toca uma trombeta imaginária e anuncia empolgada)

AS 7 ESTÂNCIAS!

(Como numa espécie de mantra com muitíssimo entusiasmo, Helena dá início às 7 estâncias quase sem pausa de respiro. Ela apenas movimenta o rosto, sobretudo olhos e boca, e as mãos à altura do rosto, ajudando a compor as imagens do discurso.)

ESTÂNCIA I 1. O Eterno Pai, envolto em suas Sempre Invisíveis Vestes, havia adormecido uma vez mais durante Sete Eternidades. 2. O Tempo não existia, porque dormia no Seio Infinito da Duração. 3. A Mente Universal não existia, porque não havia Ah-hi para contê-la. 4. Os Sete Caminhos da Felicidade não existiam. As Grandes Causas da Desgraça não existiam, porque não havia ninguém que- as produzisse e fosse por elas aprisionado. 5. Só as trevas enchiam o Todo Sem Limites, porque Pai, Mãe e Filho eram novamente Um, e o Filho ainda não havia despertado para a Nova Roda e a Peregrinação por ela. 6. Os Sete Senhores Sublimes e as Sete Verdades haviam cessado de ser; e o Universo, filho da Necessidade, estava mergulhado em Paranishpanna, para ser expirado por aquele que é e todavia não é. Nada existia. 7. As Causas da Existência haviam sido eliminadas; o Visível, que foi, e o Invisível, que é, repousavam no Eterno Não-Ser — o Único Ser. 8. A Forma Una de Existência, sem limites, infinita, sem causa, permanecia sozinha, em um Sono sem Sonhos; e a Vida pulsava inconsciente no Espaço Universal, em toda a extensão daquela Onipresença que o Olho Aberto de Dangma percebe. 9. Onde, porém, estava Dangma quando o Alaya do Universo se encontrava em Paramârtha, e a Grande Roda era Anupâdaka?

ESTÂNCIA II 1. ...Onde estavam os Construtores, os Filhos Resplandecentes da Aurora do Manvantara?...Nas Trevas Desconhecidas, em seu Ah-hi Paranishpanna. Os Produtores da Forma, tirada da Não-Forma, que é a Raiz do Mundo, Devamâtri e Svabhâvat, repousavam na felicidade do Não-Ser. 2. ...Onde estava o Silêncio? Onde os ouvidos para percebê-lo? Não; não havia Silêncio nem Som: nada, a não ser o Incessante Alento Eterno, para si mesmo ignoto. 3. A Hora ainda não havia soado; o Raio ainda não havia brilhado dentro do Germe; a Matripâdma ainda não entumecera. 4. Seu Coração ainda não se abrira para deixar penetrar o Raio Único e fazê-lo cair em seguida, como Três em Quatro, no Regaço de Mâyâ. 5. Os Sete não haviam ainda nascido do Tecido de Luz. O Pai-Mãe, Svabhâvat, era só Trevas; e Svabhâvat jazia nas Trevas. 6. Estes Dois são o Germe, e o Germe é Uno. O Universo ainda estava oculto no Pensamento Divino e no Divino Seio.

ESTÂNCIA III 1. ...A última Vibração da Sétima Eternidade palpita através do Infinito. A Mãe entumece e se expande de dentro para fora, como o Botão de Lótus. 2. A Vibração se propaga, e suas velozes Asas tocam o Universo inteiro e o Germe que mora nas Trevas; as Trevas que sopram sobre as adormecidas Águas da Vida. 3. As Trevas irradiam a Luz, e a Luz emite um Raio solitário sobre as Águas e dentro das Entranhas da Mãe. O Raio atravessa o Ovo Virgem; faz o Ovo Eterno estremecer, e desprende o Germe não Eterno, que se condensa no Ovo do Mundo. 4. Os Três caem nos Quatro. A Essência Radiante passa a ser Sete interiormente e Sete exteriormente. O Ovo Luminoso, que é Três em si mesmo, coagula-se e espalha os seus Coágulos brancos como o leite por toda a extensão das Profundezas da Mãe: a Raiz que cresce nos Abismos do Oceano da Vida. 5. A Raiz permanece, a Luz permanece, os Coágulos permanecem; e, não obstante, Oeaoohoo é Uno. 6. A Raiz da Vida estava em cada Gota do Oceano da Imortalidade, e o Oceano era Luz Radiante, que era Fogo, Calor e Movimento. As Trevas se desvaneceram, e não existiram mais: sumiram-se em sua própria Essência, o Corpo de Fogo e Água, do Pai e da Mãe. 7. Vê, ó Lanu! o Radiante Filho dos Dois, a Glória refulgente e sem par: o

Espaço Luminoso, Filho do Negro Espaço, que surge das Profundezas das Grandes Águas Sombrias. É Oeaoohoo, o mais Jovem. Ele brilha como o Sol. É o Resplandecente Dragão Divino da Sabedoria. O Eka é Chatur, e Chatur toma para si Tri, e a união produz Sapta, no qual estão os Sete, que se tornam o Tridasha, as Hostes e as Multidões. Contempla-o levantando o Véu e desdobrando-o de Oriente a Ocidente. Ele oculta o Acima, e deixa ver o Abaixo como a Grande Ilusão. Assinala os lugares para os Resplandecentes, e converte o Acima num Oceano de Fogo sem praias, e o Uno Manifestado nas Grandes Águas. 8. Onde estava o Germe, onde então se encontravam as Trevas? Onde está o Espírito da Chama que arde em tua Lâmpada, ó Lanu? O Germe é Aquilo, e Aquilo é a Luz, o Alvo e Refulgente Filho do Pai Obscuro e Oculto. 9. A Luz é a Chama Fria, e a Chama é o Fogo, e o Fogo produz o Calor, que dá a Água — a Água da Vida na Grande Mãe. 10. O Pai-Mãe urde uma Tela, cujo extremo superior está unido ao Espírito, Luz da Obscuridade Única, e o inferior à Matéria, sua Sombra. A Tela é o Universo, tecido com as Duas Substâncias combinadas em Uma, que é Svabhâvat. 11. A Tela se distende quando o Sopro do Fogo a envolve; e se contrai quando tocada pelo Sopro da Mãe. Então os Filhos se separam, dispersando-se, para voltar ao Seio de sua Mãe no fim do Grande Dia, tornando-se de novo uno com ela. Quando esfria, a Tela fica radiante. Seus Filhos se dilatam e se retraem dentro de Si mesmos e em seus Corações; elas abrangem o Infinito. 12. Então Svabhâvat envia Fohat para endurecer os Átomos. Cada qual é uma parte da Tela. Refletindo o "Senhor Existente por Si Mesmo" como um Espelho, cada um vem a ser, por sua vez, um Mundo.

ESTÂNCIA IV 1. ...Escutai, ó Filhos da Terra. Escutai os vossos Instrutores, os Filhos do Fogo. Sabei: não há nem primeiro nem último; porque tudo é Um Número que procede do Não-Número. 2. Aprendei o que nós, que descendemos dos Sete Primeiros, nós, que nascemos da Chama Primitiva, temos aprendido de nossos Pais... 3. Do Resplendor da Luz — o Raio das Trevas Eternas — surgem no Espaço as Energias despertadas de novo; o Um do Ovo, o Seis e o Cinco. Depois o Três, o Um, o Quatro, o Um, o Cinco, o duplo Sete, a Soma Total. E estas são as Essências, as Chamas, os Construtores, os Números, os Arûpa, os Rûpa e a Força ou o Homem Divino, a Soma Total. E do Homem Divino, a Soma Total. E do Homem Divino emanaram as Formas, as Centelhas, os Animais Sagrados e os Mensageiros dos Sagrados Pais dentro do Santo Quatro. 4. Este foi o Exército da Voz, a Divina Mãe dos Sete. As Centelhas dos Sete são os súditos e os servidores do Primeiro, do Segundo, do Terceiro, do Quarto, do Quinto, do Sexto e do Sétimo dos Sete. Estas Centelhas são chamadas Esferas, Triângulos, Cubos, Linhas e Modeladores; porque deste modo se conserva o Eterno Nidâna — o Oi-Ha-Hou. 5. O Oi-Ha-Hou — as Trevas, o Sem Limites, ou o Não-Número, Âdi-Nidâna, Svabhâvat, . I. O Âdi-Sanat, o Número; porque ele é Um. II. A Voz da Palavra, Svabhâvat, os Números; porque ele é Um e Nove. III. O "Quadrado sem Forma". E estes Três, encerrados no, são o Quatro Sagrado; e os Dez são o Universo Arûpa. Depois vêm os Filhos, os Sete Combatentes, o Um, o Oitavo excluído, e seu Sopro, que é o Artífice da Luz. 6. ...Em seguida, os Segundos Sete, que são os Lipika, produzidos pelos Três. O Filho excluído é Um. Os "Filhos-Sóis" são inumeráveis.

ESTÂNCIA V 1. Os Sete Primordiais, os Sete Primeiros Sopros do Dragão de Sabedoria, produzem por sua vez o Torvelinho de Fogo com os seus Sagrados Sopros de Circulação giratória. 2. Dele fazem o Mensageiro de sua Vontade. O Dzyu converte-se em Fohat; o Filho veloz dos Filhos Divinos, cujos Filhos são os Lipika, leva mensagens circulares. Fohat é o Corcel, e o Pensamento, o Cavaleiro. Ele passa como um raio através de nuvens de fogo; dá Três, Cinco e Sete Passos através das Sete Regiões Superiores e das Sete Inferiores. Ergue a sua Voz para chamar as Centelhas inumeráveis e as reúne. 3. Ele é o seu condutor, o espírito que as guia. Ao iniciar a sua obra, separa as Centelhas do Reino Inferior, que se agitam e vibram de alegria em suas radiantes moradas, e com elas forma os Germes das Rodas. Colocando-as nas Seis Direções do Espaço,

deixa uma no Centro: a Roda Central. 4. Fohat traça linhas espirais para unir a Sexta à Sétima — a Coroa. Um Exército dos Filhos da Luz situa-se em cada um dos ângulos; os Lipika ficam na Roda Central. Dizem eles: "Isto é bom." O primeiro Mundo Divino está pronto; o Primeiro, o Segundo. Então o "Divino Arûpa" se reflete no Chhâyâ Loka, a Primeira Veste de Anupâdaka. 5. Fohat dá cinco passos, e constrói uma roda alada em cada um dos ângulos do quadrado para os Quatro Santos... e seus Exércitos. 6. Os Lipika circunscrevem o Triângulo, o Primeiro Um, o Cubo, o Segundo Um e o Pentágono dentro do Ovo. É o Anel chamado "Não Pássaras", para os que descem e sobem; para os que, durante o Kalpa, estão marchando para o Grande Dia "Sê Conosco"... Assim foram formados os Arûpa e os Rûpa: da Luz Única, Sete Luzes; de cada uma das Sete, sete vezes Sete Luzes. As Rodas velam pelo Anel...

ESTÂNCIA VI 1. Pelo poder da Mãe de Misericórdia e Conhecimento, Kwan-Yin — a Trina de Kwan-Shai-Yin, que mora em Kwan-Yin-Tien — Fohat, o Sopro de sua Progênie, o Filho dos Filhos, tendo feito sair das profundezas do Abismo inferior a Forma Ilusória de Sien-Tchan e os Sete Elementos. 2. O Veloz e Radiante Um produz os Sete Centros Laya, contra os quais ninguém prevalecerá até o Grande Dia "Sê Conosco"; e assenta o Universo sobre estes Eternos Fundamentos, rodeando Sien-Tchan com os Germes Elementais. 3. Dos Sete — primeiro Um manifestado, Seis ocultos, Dois manifestados, Cinco ocultos; Três manifestados, Quatro ocultos; Quatro produzidos, Três ocultos; Quatro e Um Tsan revelados, Dois e Meio ocultos; Seis para serem manifestados, Um deixado à parte. Por último, Sete Pequenas Rodas girando; uma dando nascimento à outra. 4. Ele as constrói à semelhança das Rodas mais antigas, colocando-as nos Centros Imperecíveis. Como as constrói Fohat? Ele junta a Poeira de Fogo. Forma Esferas de Fogo, corre através delas e em seu derredor, insuflando-lhes a vida; e em seguida as põe em movimento; umas nesta direção, outras naquela. Elas estão frias, ele as aquece. Estão secas, ele as umedece. Brilham, ele as ventila e refresca. Assim procede Fohat, de um a outro Crepúsculo, durante Sete Eternidades. 5. Na Quarta, os Filhos recebem ordem de criar suas Imagens. Um Terço recusa-se Dois Terços obedecem. A Maldição é proferida. Nascerão na Quarta; sofrerão e causarão sofrimento. É a Primeira Guerra. 6. As Rodas mais antigas giravam para baixo e para cima... Os frutos da Mãe enchiam o Todo. Houve combates renhidos entre os Criadores e os Destruidores, e Combates renhidos pelo Espaço; aparecendo e reaparecendo a Semente continuamente. 7. Faze os teus cálculos, ó Lanu, se queres saber a idade exata da Pequena Roda. Seu Quarto Raio "é" nossa Mãe. Alcança o Quarto Fruto da Quarta Senda do Conhecimento que conduz ao Nirvana, e tu compreenderás, porque verás...

ESTÂNCIA VII 1. Observa o começo da Vida informe senciente. Primeiro, o Divino, o Um que procede do Espírito-Mãe; depois, o Espiritual; os Três provindos do Um, os Quatro do Um, e os Cinco de que procedem os Três, os Cinco e os Sete. São os Triplos e os Quádruplos em sentido descendente; os Filhos nascidos da Mente do Primeiro Senhor, os Sete Radiantes. São eles o mesmo que tu, eu, ele, ó Lanu, os que velam sobre ti e tua mãe, Bhumi. 2. O Raio Único multiplica os Raios menores. A Vida precede a Forma, e a Vida sobrevive ao último átomo. Através dos Raios inumeráveis, o Raio da Vida, o Um, semelhante ao Fio que passa através de muitas contas. 3. Quando o Um se converte em Dois, aparece o Triplo, e os Três são Um; é o nosso Fio, ó Lanu! o Coração do Homem-Planta, chamado Saptaparma. 4. É a Raiz que jamais perece; a Chama de Três Línguas e Quatro Mechas. As Mechas são as Centelhas que partem da Chama de Três Línguas projetada pelos Sete — dos quais é a Chama — Raios de Luz e Centelhas de uma Lua que se reflete nas Ondas moventes de todos os Rios da Terra. 5. A Centelha pende da Chama pelo mais tênue fio de Fohat. Ela viaja através dos Sete Mundos de Mâyâ. Detém-se no Primeiro, e é um Metal e uma Pedra; passa ao Segundo, e eis uma Planta; a Planta gira através de sete mutações, e vem a ser um Animal Sagrado. Dos atributos combinados de todos esses, forma-se

Manu, o Pensador. Quem o forma? As Sete Vidas e a Vida Una. Quem o completa? O Quíntuplo Lha. E quem aperfeiçoa o último Corpo? O Peixe, o Pecado e Soma... 6. Desde o Primeiro Nascido, o Fio que une o Vigilante Silencioso à sua Sombra torna-se mais e mais forte e radiante a cada Mutaçãõ. A Luz do Sol da manhã se transformou no esplendor do meio-dia... 7. "Eis a tua Roda atual" — diz a Chama à Centelha. "Tu és eu mesma, minha imagem e minha sombra. Eu me revesti de ti, e tu és o Meu Vâham até o dia 'Sê Conosco', quando voltarás a ser eu mesma, e os outros tu mesma e eu." Então os Construtores, metidos em sua primeira Vestimenta, descem à radiante Terra, e reinam sobre os homens — que são eles mesmos...

(Volta á completa sobriedade e plenitude. Equilibra a respiraçãõ e expressões.)

Primeira: Vazio sem limites e plenitude condicionada, foi, é e será. Mûlaprakriti, fonte primeira e única de toda e qualquer matéria. As 7 eternidades são os 7 períodos de Manvantara, e abrangem toda a extensão de um Mahâkalpa ou "Grande Idade" (100 anos de Brahmâ), perfazendo um total de 311.040.000.000.000 de anos terrestres. Nós medimos os anos pelo tempo que dura a nossa rotaçãõ em torno do Sol. Outros planetas maiores, e mais distantes do Sol, levam tempo muito diferente para concluir uma volta completa, fazendo com que seus anos sejam muito mais longos. A eternidade ou imortalidade faz com que não pereçam, mas sejam reabsorvidos ao fim de cada grande ciclo.

O "Tempo" não é mais que uma ilusãõ ocasionada pela sucessãõ dos nossos estados de consciência, à medida que viajamos através da Duraçãõ Eterna; e deixa de existir quando a consciência em que tal ilusãõ se produz já não exista; então, ele "jaz adormecido". O Presente não é senãõ uma linha matemática que separa aquela parte da Duraçãõ Eterna, que chamamos Futuro, daquela outra a que damos o nome de Passado. Nada há sobre a Terra que tenha uma duraçãõ real, pois nada permanece sem mutaçãõ, ou no mesmo estado, durante um bilionésimo de segundo que seja; e a sensaçãõ que temos da realidade desta divisãõ do Tempo, conhecida como o Presente, advém da impressãõ momentânea ou das impressões sucessivas que as coisas comunicam aos nossos sentidos, à medida que passam da regiãõ do ideal, que denominamos Futuro, à regiãõ da memória, que chamamos Passado. Da mesma forma, uma centelha elétrica instantânea produz em nós uma sensaçãõ de duraçãõ, por deixar em nossa retina uma impressãõ que contínua. As pessoas e as coisas reais e efetivas não são unicamente o que se vê em um dado momento, mas consistem na soma de todas as suas múltiplas e cambiantes condições, desde o instante em que aparecem sob forma material até àquele em que deixam de existir sobre a terra. Estas "somatões totais" estãõ eternamente no Futuro, e passam gradualmente através da matéria para ficarem eternamente no Passado. Ninguém dirá que um peixe que pula da água para mergulhar em seguida, traçando uma parábola no ar, deixa de existir quando sai da água e volta a existir ao reentrar nela, como se houvesse uma barreira mágica de existênciã entre a atmosfera e o oceano. Analogamente, é; o que sucede com as pessoas e as coisas que, caindo do "será" no "foi", isto é, do Futuro no Passado, apresentam ocasionalmente aos nossos sentidos como que uma seçãõ transversal do seu todo à medida que vãõ passando através do Tempo e do Espaço (como Matéria) em seu caminho de uma eternidade para outra; e estas duas eternidades constituem aquela Duraçãõ, na qual, e somente na qual, há algo que tem existênciã real, que os nossos sentidos confirmariam, se estivessem aptos a conhecê-la.

Ainda parece confuso, homem? Só quando houvermos atingido a Consciência absoluta, e com ela operarmos a fusãõ da nossa, é que viremos a libertar-nos das ilusões de Mãyã.

Nãõ há outro caminho possível além de tornar-se um Deus.

(A luz se apaga. Volta a acender.)

As "Trevas são Pai-Mãe; a Luz é o seu Filho", Não podemos conceber a luz senão considerando-a como proveniente de alguma fonte que lhe seja a causa; à causa nós a chamamos "Trevas". As Trevas são, portanto, a Matriz Eterna, na qual as Origens da Luz aparecem e desaparecem. Cientificamente a luz é tão-somente um modo das trevas, e vice-versa. O grau de luz que podemos perceber no meio das trevas depende da nossa capacidade de visão. O que para nós é luz, são trevas para certos insetos; e o olho do clarividente vê iluminação ali onde o olho normal só depara escuridão.

O sopro do Criador, diz-se. Imagine o suspiro. A expiração cria, lança, explora. Imagine a inspiração. Dotada de inspiração, a natureza cria. Obviamente ninguém pode expirar sem antes ter inspirado. Saiba, por isso, que todas as coisas dotadas de qualquer tipo de movimento estão vivas, sejam elas compostas por átomos ou planetas. E mesmo o sono sem sonhos é um dos 7 estados de Consciência.

Segunda:

Existe o cessar de existir sem cessar de ser. A combinação entre o hidrogênio e o oxigênio dá origem a água, uma matéria nova que até então não existia. Mas, sob nova forma, hidrogênio e oxigênio deixam de existir? Tanto quanto O filho de Deus nascido de uma virgem imaculada. Como o universo que surge no seio de um espaço puro e inimaginável, fruto do ser-não ser, o todo supremo.

Terceira:

o Sopro das Trevas, que se move sobre as "*Águas adormecidas da Vida*" — a Matéria Primordial com o Espírito em estado latente.

A água é a base e a fonte da existência material. O ovo. O oroboro. Tudo é esférico. E é no micro como é no macro, desde a fecundação ao nascimento. Antes do nascimento do universo, o ovo estava envolto por 7 elementos naturais, 4 manifestos e 3 secretos. Os manifestos eram o éter, o fogo, a água e o ar. E os secretos? Continuam secretos.

a Luz e as Trevas são idênticas em si mesmas, sendo separáveis tão-só na mente humana, a escuridão se fez iluminar para se tornar visível. As Trevas são a única realidade verdadeira, a base e a raiz da Luz, sem a qual esta última jamais poderia manifestar-se, nem sequer existir. A Luz é Matéria; as Trevas, Espírito puro. As Trevas, em sua base radical e metafísica, são luz subjetiva e absoluta; ao passo que a Luz, com todo o seu esplendor e glória aparentes, não passa de um aglomerado de sombras, pois nunca poderá ser eterna, consistindo simplesmente em ilusão ou Mâyâ.

Ao que se diz: *Demon est Deus inversus.* A Igreja dá hoje ao diabo o nome de Trevas, mas a Bíblia, no Livro de Job, o chama "*Filho de Deus*", a estrela resplandecente da manhã, Lúcifer. O primeiro Arcanjo, que emergiu das profundezas do Caos, foi denominado Lux (Lúcifer), o "*Filho Luminoso da Manhã*", ou da Aurora Manvantárica.

A serpente como símbolo da sabedoria. Antes de o nosso Globo assumir a forma de ovo (e também o Universo), "*um longo rastro de poeira cósmica (ou névoa de fogo) se movia e se*

retorcia como uma serpente no Espaço". E quando nasce a primeira ideia, a ideia do eu, chama-se "Ego-ismo".

Atente-se que há apenas Uma Unidade, Suprema, Anterior, Originária, Indescritível, Incontável e Incontida, Infinita dentro dos Infinitos. Após ela, tudo é uma faceta do mesmo, um reflexo, uma correlação, uma ilusão, desde os fenômenos naturais às grandes estrelas centenas de vezes maiores que o sol, ou todo um sistema planetário, ou organismos unicelulares, poeiras de átomos, ou seres divinatórios supra-humanos, ou qualquer humano ou sociedades, ou povoados, ou mesmo sub-humanos, como se pense, qualquer animal e espécie ou inseto, do mais vil ao mais incompreensível germe ou protozoário ou bactéria ou planta ou mineral, ou qualquer tipo de matéria viva ou sem vida. Tudo é uma transformação daquela Unidade Suprema, e por isso uma ilusão de igual valor. É inútil qualquer tentativa de entender completamente o mistério.

Você acredita em uma única divindade da qual faz parte? Compreende o estudo e a gerência dos doze signos zodiacais, atribuindo a cada planeta e a cada constelação uma influência que lhes é própria, benéfica ou maléfica, e isso de acordo com o Espírito planetário que governa cada um, e que, por sua vez, é capaz de influir sobre os homens e as coisas que estão em sintonia com eles e que lhes são afins, como indiscutivelmente a lua influencia durante todos os milésimos de segundos as poderosas marés?

A "Luz", a "Chama", o "Frio", o "Fogo", o "Calor", a "Água" e a "Água da Vida" são todas correlações da Eletricidade. Gerador sagrado de uma progênie não menos sagrada:

- 1 do Fogo, que é o criador, o conservador e o destruidor;
- 2 da Luz, que é a essência de nossos divinos antepassados;
- 3 da Chama, que é a Alma das coisas.

A Eletricidade, a Vida Una na escala mais elevada do Ser, e o Fluido Astral, o Atanor dos alquimistas, na inferior; Deus e o Diabo, o Bem e o Mal...

"Desde o momento em que um corpo, morto ou vivo, se decompõe em seus elementos primitivos, ao entrar no campo de atração ou de ação de um fogo ou centro de calor (energia) — e vários centros se acham disseminados aqui e ali no espaço — fica esse corpo reduzido a vapor, permanecendo no Seio da Mãe, até que Fohat, reunindo algumas partículas da Matéria Cósmica (nebulosas), o impulse e ponha de novo em movimento, desenvolvendo o calor necessário e deixando-o então prosseguir em sua nova forma de atividade."

(Faz a pergunta com extrema sinceridade)

Sabes me responder porque a chama de um fogo em si mesma é inesgotável, podendo-se acender as luzes do Universo inteiro com uma simples vela sem lhe diminuir a chama?

Quarta:

Os Primordiais são os Filhos mais elevados dentre o que existe. Os Arcanjos. "Filhos Maiores nascidos da Mente."

"O Três, o Um, o Quatro, o Um, o Cinco", ou duas vezes sete no total, representam 31415, a Hierarquia numérica dos Dhyân Chohans de diversas ordens, e do mundo interior ou circunscrito. Na Bíblia este número corresponde ao capítulo 3, versículos 14 e 15:

14Disse Deus a Moisés: "Eu Sou o que Sou. É isto que você dirá aos israelitas: Eu Sou me enviou a vocês".

15Disse também Deus a Moisés: "Diga aos israelitas: O Senhor, o Deus dos seus antepassados, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, o Deus de Jacó, enviou-me a vocês. Esse é o meu nome para sempre, nome pelo qual serei lembrado de geração em geração.

3, 1415 também é conhecido como o valor de Pi, número essencial no cálculo do volume, perímetro e área de qualquer esfera, bem como no entendimento dos fenômenos gravitacionais e eletromagnéticos.

A maior parte das religiões, lendas, histórias e ciência estão profundamente conectadas. Todos aqueles Tronos e Dominações, Virtudes e Principados, Querubins, Serafins e Demônios, habitantes diversos do Mundo Sideral, são as modernas cópias de protótipos arcaicos. O simbolismo idêntico dos seus nomes, ainda que desfigurados na transposição e adaptação para o grego e o latim, é suficiente para comprová-lo, conforme iremos mostrar em mais de uma oportunidade.

Quando nossa Alma [Mente] cria ou evoca um pensamento, o signo representativo desse pensamento fica automaticamente gravado no fluido astral, que é o receptáculo e, por assim dizer, o espelho de todas as manifestações da existência. O signo expressa a coisa; a coisa é a virtude [latente ou oculta] do signo. Pronunciar uma palavra é evocar um pensamento e fazê-lo presente; o poder magnético da palavra humana é o começo de todas as manifestações no Mundo Oculto. Pronunciar um nome é não somente definir um Ser [uma Entidade], mas submetê-lo à influência desse nome e condená-lo, por força da emissão da palavra [Verbum], a sofrer a ação de um ou mais poderes ocultos. É o que acontece ao nominar um filho, por exemplo. As coisas são, para cada um de nós, o que a palavra determina quando as nomeamos. A palavra [Verbum] ou a linguagem de cada homem é, sem que ele disso tenha consciência, uma benção ou uma maldição; e é por isso que a nossa atual ignorância acerca das propriedades ou atributos da ideia, assim como sobre os atributos ou propriedades da matéria, nos é tantas vezes fatal. Sim; os nomes [e as palavras] são benéficos ou maléficos; em certo sentido, são nocivos ou salutares, conforme as influências ocultas que a Sabedoria suprema associou a seus elementos, isto é, às letras que os compõem e aos números que correspondem a estas letras. Cada letra tem sua significação oculta e sua razão de ser; é uma causa, e também o efeito de uma causa procedente, e a combinação de letras produz muitas vezes efeitos mágicos. As vogais, sobretudo, encerram tremendos poderes ocultos.

Ao silêncio a linguagem de nada serve. Mas à tudo que pode ser melhorado e evoluído, a linguagem é uma Deusa. Ainda que muito do conhecimento sublime escape completamente à linguagem.

Num sentido poético, oculto, tudo é linguagem e toda linguagem há de ter um registro. Uma sombra nunca se projeta sobre um muro sem nele deixar um traço permanente, que se pode tornar visível com a utilização de processos adequados... Os retratos de nossos amigos e as paisagens podem ficar ocultos à vista na superfície sensitiva, mas estão prontos para surgir logo que se empregue o reativo necessário. Um espectro se conserva oculto na superfície prateada ou de cristal, até que o fazemos aparecer no mundo visível com a nossa necromancia. Sobre as paredes de nossos recintos mais privados, ali onde nos jactamos de que não pode jamais penetrar o olho intruso, onde acreditamos que a nossa intimidade não pode ser profanada, subsistem os vestígios de todos os nossos atos, as silhuetas de tudo quanto fizemos. Cada partícula da matéria existente deve ser um registro de tudo quanto aconteceu. E nenhuma

mente será cofre impenetrável por toda a eternidade. Ainda que a matéria mente já não exista há milênios, haverá o tempo em que se poderá resgatar facilmente todos os seus registros que não se findam.

Quinta:

Ao que me perguntam: Crêem os ocultistas em todos esses "*Construtores*", "*Lipika*" e "*Filhos da Luz*", como Entidades, ou não passam de simples imagens? Respondo: Embora concedendo que haja o emprego de certas imagens para exprimir os Poderes personificados, temos que admitir a existência daquelas Entidades, a não ser que neguemos a existência da Humanidade Espiritual dentro da Humanidade física. Porque os exércitos dos "*Filhos da Luz*", os Filhos nascidos da Mente do Primeiro Raio manifestado do Todo Desconhecido, são a raiz mesma do Homem Espiritual. A menos que acreditemos no dogma anti-filosófico da criação de uma alma especial para cada nascimento humano, e que, desde Adão, surgem diariamente novas coleções de almas, não há como deixar de admitir o ensinamento oculto. É o que trataremos de esclarecer em tempo e lugar convenientes.

Ensina a Doutrina que, para chegarem a Deuses divinos e plenamente conscientes, as Inteligências Espirituais Primárias (inclusive as mais elevadas) têm que passar pela fase humana. E a palavra "*humana*" não deve aqui aplicar-se tão somente à nossa humanidade terrestre, mas igualmente aos mortais que habitam todo e qualquer mundo, ou seja, àquelas Inteligências que alcançaram o necessário equilíbrio entre a matéria e o espírito, como nós agora, que já transpusemos o ponto médio da Quarta Raça-Raiz da Quarta Ronda. Cada Entidade deve conquistar por si mesma o direito de converter-se em um ser divino, à custa da própria experiência.

O Sopro torna-se pedra; a pedra converte-se em planta; a planta em animal; o animal em homem; o homem em espírito; e o espírito em um deus. Então o Deus se torna sopro. Porque cada átomo no Universo traz em si a potencialidade da própria consciência, sendo sempre um átomo e um anjo.

A eletricidade é matéria. Assim como o éter e qualquer outra coisa que seja perceptível ou ativa no mundo material. Por serem atômicas, feitas de átomos, portanto matéria. É força, é energia, portanto, matéria.

(Helena mimetiza mestre a discípulo)

- Levanta a cabeça, ó Lanu! Vês uma luz ou luzes inumeráveis por cima de ti, brilhando no céu negro da meia-noite?

- Eu percebo uma chama, ó Gurudeva! Vejo milhares de centelhas não destacadas, que nela brilham.

- Dizes bem. E agora observa em torno de ti, e dentro de ti mesmo. Essa luz que arde no teu interior, porventura a sentes de alguma maneira diferente da luz que brilha em teus irmãos humanos?

- Não é de modo algum diferente, embora o prisioneiro continue seguro pelo Carma e as suas vestes externas enganem os ignorantes, induzindo-os a dizer: Tua Alma e Minha Alma.

(Retorna à palestra.)

A Divindade é um ilimitado e infinito expandir-se.

O que é o fogo?

O Fogo é o reflexo mais perfeito e não adulterado, assim no Céu como na Terra, da Chama Una. É a Vida e a Morte, a origem e o fim de todas as coisas materiais. É a Substância divina. É você quando queima.

(No decorrer do texto seguinte, Helena, despeja água em uma bacia, em seguida ascende uma vela e em seguida queima um pedaço de papel na chama desta vela, deixando depois que o papel caia sobre a água.)

A chama da vela. É a vela - a chama não existe dissociada do objeto que queima. O objeto, enquanto queima, produz sua própria chama. Exala o fogo interno, concentrado. Imagine que você queima. Seu corpo queima; até derreter, até virar pó. E não só queima, como se expande ao redor, machuca qualquer coisa que se aproxime, se alastra feito um vírus. Numa intensidade mortal. Uma temperatura de intensidade mortal que mostra a sua potência em determinada circunstância, violentamente nociva, mas que existe em você neste momento. Quando sua carne derrete, pingando... Essa água está contida em você, condensada. Quando seu pó suja o chão - pó de seu corpo carbonizado - e teu cheiro queimado exala enfeitando a sala. Existe agora em você este pó, este ar. Os 4 elementos que compõe toda matéria. A potência adormecida que te habita, isso que queima, isso que evapora, isso que escorre. Isso que se enterra. A união destes, em baile, é a liturgia da vida. Mas ainda há mais. Há os vultos que não vemos, as chamas que não se explicam, os mistérios... Afirmo que existe neste mundo, matéria pouco densa a ponto de que se pode ver, se pode sentir, mas tocar ninguém consegue. Afirmo que existe neste mundo, matéria pouco densa a ponto de que se pode ouvir, se pode sentir, mas tocar ninguém consegue. E aquelas, ainda, que se pode tocar, mas ouvir ou ver não se consegue. E convivemos com elas, totalmente acostumados, nos valem delas, às entendemos completamente naturais. A luz, a música, a força da maré. A chama da vela. Te consome por inteiro, e some. Desaparece. Primeiro a chama derrete em pó e depois evapora em ar.

(Olha para o chão e volta a encarar seu interlocutor.)

Para a Igreja, há duas espécies de Seres siderais: os Anjos e os Demônios. Para o cabalista e o ocultista, existe apenas uma; e não fazem diferença alguma entre os "*Reitores de Luz*" e os "*Rectores Tenebrarum*" ou Cosmocratas, que a Igreja Romana imagina e descobre nos "*Reitores de Luz*", quando estes são chamados por nome diferente do que ela lhes dá. Não é o Reitor ou Mahârâja quem castiga ou recompensa, com ou sem a permissão ou ordem de Deus, senão o próprio homem, com suas ações ou o Carma, atraindo individual ou coletivamente (como por vezes acontece no caso de nações inteiras) toda sorte de males e calamidades. Nós produzimos Causas, e estas despertam os poderes correspondentes do Mundo Sideral, os quais são magnética e irresistivelmente atraídos para os que deram lugar a essas causas, e então sobre eles reagem, quer se trate de pessoas que praticaram o mal ou de simples "*pensadores*" que alimentaram subjetivamente ações más. O pensamento já é uma ação. Todo pensamento é também matéria.

Pode-se dizer que todas as ações, sejam elas boas ou más, têm 3 estágios. O primeiro é o pensamento. O segundo, a palavra. E o terceiro, a prática. Em termos gerais, devo dizer que o homem que pratica o mal é pior do que aquele que apenas pensa, mas o que pensa não se torna um bom homem apenas por não praticar.

(Helena usa as aspas com as mãos com muito rigor.)

Sobre os "Homens" etéreos, divinos ou semi-divinos, há três grupos principais de Construtores, e outros tantos dos Espíritos Planetários e Lipika, subdividindo-se cada grupo, por sua vez, em sete subgrupos. Os Construtores são os representantes das primeiras Entidades "nascidas da Mente", e, portanto, dos primitivos Rishis-Prajâpatis, e também dos Sete grandes Deuses do Egito, dos quais o chefe é Osíris, dos Sete Amshaspends dos zoroastrianos, com Ormuzd à frente, dos "Sete Espíritos da Face", dos Sete Sephiroth separados da primeira Tríade etc., etc. Eles constroem, ou melhor, reconstroem cada "Sistema", após a "Noite". O Segundo Grupo dos Construtores é o Arquiteto de nossa Cadeia Planetária, exclusivamente; e o Terceiro é o Progenitor de nossa Humanidade, o protótipo macrocósmico do microcosmo.

Os Espíritos Planetários são os espíritos que animam os Astros em geral e os Planetas em particular. Regem os destinos dos homens nascidos sob uma ou outra de suas constelações. O Segundo e o Terceiro Grupos, que pertencem a outros sistemas, desempenham idênticas funções, e todos regem vários departamentos da Natureza.

São os Lipika os responsáveis pela transcrição do anel "Não Passarás", o triângulo, o primeiro um, o quadrado, o segundo um e o pentágono. 31415.

Eu Sou o que Sou. Eu Sou me enviou a vocês.

O Iniciado perfeito sabe que o Anel "*Não Pássaras*" não é uma região, não pode ser medido em termos de distância, senão que existe no Absoluto e no Infinito. Neste "*Infinito*" do perfeito Iniciado não há altura, nem largura, nem espessura; tudo é profundidade insondável, no sentido do físico ao parametafísico. Usando a palavra "*profundidade*", queremos significar abismo essencial: "*em nenhuma parte e em toda a parte*".

Sexta:

(Pega um punhado de areia e aperta na mão direita.)

Nenhum sistema religioso exotérico adotou jamais um Criador feminino; a mulher, desde o início das religiões populares, foi sempre considerada e tratada como inferior ao homem. Na China e no Egito é que Kwan-Yin e Isis foram equiparadas aos deuses masculinos. O Esoterismo não leva em conta os sexos. Sua Divindade mais elevada carece de sexo e de forma: não é nem Pai nem Mãe, e os seus primeiros seres manifestados, celestes e terrestres, só gradualmente passam a ser andróginos, para finalmente se separarem em dois sexos distintos.

Se nenhuma inteligência do plano físico é capaz de contar os grãos de areia que cobrem alguns poucos quilômetros de praia, nem de penetrar a natureza íntima e a essência de coisas assim tão concretas, que são palpáveis e visíveis na mão do naturalista, como pode um materialista limitar as leis que governam as mudanças de estado e de existência dos átomos no Caos primordial? Como pode saber algo de seguro a respeito das capacidades e das potências dos átomos e moléculas, antes e depois de entrarem na formação dos mundos? Estas moléculas imutáveis e eternas (muito mais numerosas no espaço que os grãos de areia nas praias do

oceano) podem diferir em sua constituição conforme os limites de seus planos de existência, como a substância da alma difere de seu veículo, o corpo.

Todos os planetas, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno etc., e a nossa Terra, são visíveis para nós (como o nosso Globo provavelmente o é para os habitantes daqueles, quando os há) porque se acham todos no mesmo plano; ao passo que os globos superiores e companheiros de tais planetas estão em planos inteiramente inacessíveis aos nossos sentidos terrestres.

(Fala de modo poético, uma declamação muito consciente.)

A Lua é hoje o frio resíduo, a sombra arrastada pelo corpo novo para o qual se fez a transfusão de seus poderes e princípios de vida. Está agora condenada a seguir a Terra durante longos evos, atraindo-a e sendo por ela atraída. Incessantemente *vampirizada* por sua filha, vingá-se impregnando-a com a influência nefasta, invisível e venenosa que emana do lado oculto de sua natureza. Pois é um *Corpo morto*, e no entanto vive. As partículas do seu cadáver em decomposição estão cheias de vida ativa e destruidora, embora o corpo que elas anteriormente formavam esteja sem alma e sem vida. Em conseqüência, suas emanações ao mesmo tempo são benéficas e maléficas — circunstância que encontra seu paralelo na terra, no fato de que é nas sepulturas onde as ervas e as plantas medram e se desenvolvem com mais viço, sem embargo das exalações morbígenas dos cadáveres nos cemitérios. Como os fantasmas e vampiros, a Lua é amiga dos feiticeiros e inimiga dos imprudentes. Desde as eras arcaicas até os tempos mais próximos, conhecidas são a sua natureza e as suas propriedades, tanto pelas feiticeiras da Tessália e por alguns dos atuais praticantes do tantrismo na Bengala, como por todos os Ocultistas; mas para os físicos permanecem um livro fechado.

(Anuncia empolgada.)

Mais sobre As Cadeias Setenárias de Mundos no Cosmos Solar:

Tudo, no Universo metafísico como no Universo físico, é setenário. Atribuem-se, por isso, a cada corpo sideral, a cada planeta, visível ou invisível, seis Globos companheiros. A evolução da vida se efetua, nestes sete Globos ou corpos, do primeiro ao sétimo, em Sete Rondas ou Ciclos.

Os Globos são formados por um processo que os Ocultistas denominam "*renascimento das Cadeias Planetárias (ou Anéis)*". Quando a Sétima e última Ronda de um dos Anéis se inicia, o Globo superior ou primeiro, A (e como ele todos os demais sucessivamente, até o último), em vez de entrar num período mais ou menos longo de repouso, ou de "*Obscurecimento*", como nas Rondas precedentes, começa a desgastar-se.

(Helena mimetiza uma voz de comissária de bordo) A Dissolução Planetária (Pralaya) aproxima-se: a sua hora soou, deve transferir sua vida e energia a outro planeta.

(Retorna à conversa.)

A Terra, como representante visível dos globos-companheiros, invisíveis e superiores, seus "*Senhores*" ou "*Princípios*", deve existir, do mesmo modo que os demais, durante sete Rondas. Nas três primeiras, ela se forma e se consolida; na quarta, alcança estabilidade e sua máxima consistência; nas três últimas, retorna gradualmente à sua primeira forma etérea: espiritualiza-se, por assim dizer.

Sua humanidade só se desenvolve plenamente na Quarta Ronda — que é a nossa Ronda atual. Até esse quarto Ciclo de Vida, dá-se-lhe tal nome de "*Humanidade*" unicamente por falta de

outro melhor. Assim como a lagarta se converte em crisálida e esta em borboleta, assim o homem, ou melhor, o que mais tarde vem a ser o homem, passa através de todas as formas e reinos durante a Primeira Ronda, e através de todas as formas humanas durante as duas Rondas seguintes. Ao chegar à Terra, no princípio da Quarta, na presente série de Ciclos de Vida e de Raças, o Homem é a primeira forma animada que aparece nela, pois foi precedido somente pelos reinos mineral e vegetal, devendo ainda este último desenvolver-se e continuar sua evolução ulterior por intermédio do homem. Durante as três primeiras Rondas que hão de vir, a Humanidade, como o Globo em que vive, tenderá sempre a reassumir sua forma primitiva: a de uma Legião de Dhyân-Chohans.

O homem tende a converter-se em um Deus, e depois em Deus, da mesma forma que todos os demais Átomos do Universo. Todos os demais Átomos do Universo.

Cada Ciclo de Vida no Globo D (nossa Terra) se compõe de sete Raças Raízes, que principiam com a etérea e terminam com a espiritual, em uma dupla linha de evolução física e moral, desde o início da Ronda terrestre até o seu termo. Uma coisa é uma "*Ronda Planetária*", do Globo A até o Globo G, o último; outra coisa é a "*Ronda do Globo*", isto é, a terrestre.

Os homens da primeira Raça-Raiz, ou seja, os primeiros "*Homens*" da Terra (qualquer que fosse a forma de que se revestissem) eram os descendentes dos "*Homens Celestes*", chamados corretamente na filosofia hindu "*Antepassados Lunares*" ou Pitris, que se compõem de sete classes ou Hierarquias.

Cada Ronda traz consigo um desenvolvimento novo e até mesmo uma mudança completa na constituição física, psíquica, mental e espiritual do homem; fazendo evolucionar todos os princípios em escala sempre ascendente. Segue-se que homens como Confúcio e Platão, que pertenciam psíquica, mental e espiritualmente a planos mais elevados de evolução, eram em nossa Quarta Ronda o que o homem comum atual virá a ser na Quinta Ronda, cuja humanidade ocupará na escala da evolução um grau bem superior àquele em que se acha a nossa humanidade de hoje. Do mesmo modo, Gautama Buddha (a Sabedoria encarnada) era muito superior a todos os homens de quem acabamos de falar, chamados "*Homens da Quinta Ronda*"; e por isso, Buddha e também Shankarâchârya foram denominados "*Homens da Sexta Ronda*". "*Algumas gotas de chuva não fazem uma poça, se bem que as pressagiem*".

...O Conhecimento reside em cabeças com pensamentos alheios; A Sabedoria, em mentes que refletem por si mesmas...

Reflita sobre isto: Fora da metafísica não há Filosofia Oculta nem Esoterismo possível. É como se tratássemos de explicar as aspirações e os afetos, o amor e o ódio, o mais íntimo e sagrado das operações da alma e a inteligência do homem vivente, pela descrição anatômica do tórax e do cérebro de seu cadáver.

Continuando, atento que sobre as Mônadas espirituais... não esgotam inteiramente sua existência mineral no Globo A, mas o fazem depois no Globo B, e assim sucessivamente. Dão várias vezes a volta em todo o círculo como minerais, várias vezes depois como vegetais, e finalmente circulam várias vezes mais como animais. Em palavras rudes, o planeta Terra não existe apenas em um plano, mas em 7, e a evolução de cada ser passa necessariamente por todos os 7 até que esteja de fato conclusa.

Observe-se como é perfeita a analogia entre a evolução da Natureza no Cosmos e a do homem individual. Este último vive durante seu ciclo de existência, e morre; seus princípios superiores,

que correspondem, no desenvolvimento de uma Cadeia Planetária, às Mônadas em evolução, passam ao Devachan, que corresponde ao Nirvana e aos estados de repouso entre duas Cadeias. Os princípios inferiores do homem se desintegram com o tempo, e a Natureza os reutiliza para a formação de novos princípios humanos; processo idêntico ao da desintegração e formação dos mundos.

A Analogia, portanto, é o mais seguro guia para a compreensão dos ensinamentos ocultos.

A última palavra do mistério só é divulgada aos Adeptos; podemos dizer, contudo, que o nosso satélite é apenas o corpo grosseiro de seus princípios invisíveis. Considerando que existem sete Terras, deve também haver sete Luas; outro-tanto sucede em relação ao Sol, cujo corpo visível não passa de um Mâyâ, um reflexo, como o é o corpo do homem. "O verdadeiro Sol e a verdadeira Lua são tão invisíveis como o homem real.

É a Lua que representa o papel principal e de maior importância, seja na própria formação da Terra, seja no seu povoamento por seres humanos. As Mônadas Lunares ou Pitris, que são os antepassados do homem, assumem na realidade a própria personalidade humana. A importância da Lua e sua influência sobre a Terra eram reconhecidas por todas as religiões antigas. Em muitos aspectos a Terra é que é satélite da Lua. São fatos indicativos: as marés, as mudanças cíclicas supervenientes a várias enfermidades, que coincidem com as fases lunares, o desenvolvimento das plantas, e notadamente os fenômenos da concepção e da gestação humanas. A mãe que passeia em torno de seu filho, a fim de por ele velar, lhe estaria por isso subordinada ou dependente? Muito embora em certo sentido ela seja o seu satélite, não haverá dúvida de que tem mais idade e é mais desenvolvida que o filho sob seus cuidados.

Uma curiosidade humana; apesar de os macacos serem descendentes do homem, não é verdade que a Mônada humana, que já alcançou o nível da humanidade, venha de novo a encarnar-se na forma de um animal. O ciclo de "*metempsicose*" para a Mônada humana está encerrado.

Repetidas vezes se afirmou que a evolução, era a base das doutrinas modernas; mas nem o Ocultismo nem a Teosofia sustentaram jamais as teorias inconsistentes dos darwinistas atuais, e muito menos a descendência simiesca do homem.

O Homem pertence a um reino inteiramente distinto do reino animal.

"Ronda I. O Homem da Primeira Ronda e da Primeira Raça no Globo D, nossa Terra, era um ser etéreo [um Dhyâni Lunar, como homem] não inteligente, mas superespiritual, correspondendo, segundo a lei da analogia, ao homem da Primeira Raça da Quarta Ronda. Em cada uma das raças e sub-raças seguintes... ele se vai desenvolvendo cada vez mais como ser revestido de matéria ou encarnado, mas ainda com preponderância etérea... Carece de sexo e, como os animais e vegetais, desenvolve corpos monstruosos, em correspondência com o meio rude em que vive.

Ronda II. O homem ainda é gigantesco e etéreo; o seu corpo se torna, porém, mais firme e condensado; é um homem mais físico, ainda menos inteligente que espiritual (), porque a evolução da mente é mais lenta e mais difícil que a da estrutura física...*

*Ronda III. Possui agora um corpo perfeitamente concreto ou compacto; no princípio, sua forma é a de um macaco gigante, mais inteligente, ou antes, mais astuto que espiritual. Porque, no arco descendente, chegou a um ponto em que a sua espiritualidade primordial é eclipsada e obscurecida pela mentalidade nascente (**). Na segunda metade da Terceira Ronda, sua estatura gigantesca decresce, seu corpo melhora em textura; torna-se um ser mais racional,*

embora pareça mais um símio que um Deva... [Tudo isto se repete, quase exatamente, na Terceira Raça-Raiz da Quarta Ronda.]

Ronda IV. O intelecto tem considerável progresso nesta Ronda. As raças [até então mudas] adquirem a linguagem humana [atual] neste Globo; e, a partir da Quarta Raça, a linguagem se aperfeiçoa e cresce o conhecimento. Neste ponto médio da Quarta Ronda [e da Quarta Raça-Raiz ou Atlante], a humanidade transpõe o ponto axial do ciclo Manvantárico menor. .. o mundo se enriquece com os resultados da atividade intelectual, mas decresce em espiritualidade..." Além disso, o futuro dirá.

(Narrando de forma épica, como se explicasse ludicamente a uma criança)

E houve guerra no Céu: Miguel e seus Anjos batalhavam contra o Dragão; e lutavam o Dragão e seus Anjos, mas não prevaleceram, e nunca mais houve lugar para eles no Céu. E foi expulso o Dragão, aquela antiga serpente que se chama Diabo e Satã, e que engana todo o mundo.

O Sol Central faz com que Fohat aglutine a poeira primordial em forma de globos, que os impulse a mover-se em linhas convergentes, e finalmente, que os aproxime uns dos outros, reunindo-os... Disseminados pelo Espaço, sem ordem nem sistema, os Germes do Mundo entram em freqüentes colisões antes da junção final, e depois se convertem em 'Vagabundos' [Cometas]. Então começam os combates e as lutas. Os mais antigos [corpos] atraem os mais jovens, enquanto outros os repelem. Muitos sucumbem devorados pelos companheiros mais fortes. Os que escapam vão constituir-se em Mundos. – ***(sussurrando)*** Segundo Platão, 4 séculos antes de Cristo.

(Retorna à palestra. Brinca com blocos de construção infantis.)

Graças à divina perfeição daquelas proporções arquitetônicas, puderam os antigos construir essas maravilhas dos séculos, os seus templos, pirâmides, santuários, criptas, cromlechs, cairns, altares, demonstrando que possuíam conhecimento de forças mecânicas ante as quais a arte moderna não passa de um brinquedo de crianças; e a ciência de hoje, referindo-se a essas obras, diz que parecem "o trabalho de um gigante de cem mãos.

Não usavam argamassa, nem cimento; nem ferro, nem aço, para cortar as pedras; e no entanto foram elas trabalhadas com tal habilidade que em muitos pontos mal se percebem as juntas — embora muitas dessas pedras, como no Peru, tenham 38 pés de comprimento, 18 de largura e 6 de espessura. Nos muros da fortaleza de Cuzco há pedras ainda maiores. O poço de Siena, construído há 5.400 anos, quando a região estava exatamente sob o trópico (o que se não verifica hoje), o foi de tal forma que, ao meio-dia, no momento preciso do solstício, todo o disco do Sol se refletia em sua superfície; obra que a ciência conjugada de todos os astrônomos da Europa não seria hoje capaz de levar a cabo.

(contando com admiração, como se regressasse de uma viagem a um belo e evoluído país distante.)

O grande coração antigo — como parece o de uma criança em sua simplicidade, e o de um homem em sua profunda e solene gravidade! O céu está sobre ele em qualquer parte da terra aonde vá ou onde resida; e da terra faz para si mesmo um templo místico, e de todas as coisas terrenas como que um culto. Visões de gloriosas criaturas resplandecem à luz diurna do sol; voejam ainda os anjos, levando mensagens de Deus entre os homens... A maravilha e o encantamento rodeiam o homem; ele vive em um ambiente de milagre... Uma grande lei de dever, tão elevada quanto estes dois infinitos (o céu e o inferno), reduzindo e aniquilando tudo

o mais — era uma realidade, e ainda o é: só o invólucro pereceu; a essência persiste através do tempo e da eternidade!

O que era *natural* aos olhos do homem primitivo passou a ser um milagre para nós; e o que para ele era um milagre nunca poderia ser expresso em nossa linguagem.

Na infância da Terceira Raça primitiva, *Um ser de mais elevada estirpe faltava. Que fosse então criado: Consciente do próprio pensamento, Inda maior pelo coração; Feito para reinar, soberano, Apto para os outros comandar.* Foi chamado à existência um veículo perfeito e adequado para a encarnação de habitantes de esferas mais elevadas, que logo passaram a morar nestas formas, nascidas da Vontade Espiritual e do poder natural e divino no Homem. Era um filho do espírito puro, mentalmente estreme de toda eiva de elementos terrenos. Só a sua constituição física pertencia ao tempo e à vida, pois sua inteligência provinha diretamente do alto. Era a *Árvore Vivente da Sabedoria Divina*, sendo, portanto, comparável à "*Árvore do Mundo*" das lendas nórdicas, que não podia secar e morrer antes que se travasse a última batalha da vida, embora as suas raízes fossem continuamente trituradas pelo dragão Nidhogg. Porque até o primeiro e sagrado Filho de Kriyâshakti tinha o corpo corroído pelos dentes do tempo; mas as raízes do seu interno permaneciam sempre fortes e inalteradas, pois cresciam e se estendiam para o céu, e não sobre a terra. Ele foi o Primeiro dos Primeiros, e a semente de todos os demais. Houve outros Filhos de Kriyâshakti, produzidos por um segundo esforço espiritual; mas o primeiro continuou sendo até hoje a Semente da Sabedoria Divina, o Uno e Supremo entre os terrestres "*Filhos da Sabedoria*". Nada mais podemos dizer sobre este assunto, exceto que em todas as épocas — sim, a nossa inclusive — têm existido grandes inteligências, que apreenderam com exatidão o problema.

Só há um templo no Universo, e é o Corpo do Homem. Nada é mais sagrado do que esta forma... Nós tocamos o Céu quando pomos a mão sobre o corpo humano. Soará isto como uma simples figura retórica; mas não o é. Se meditarmos bem, veremos que é um fato científico; a expressão... da verdade integral das coisas. Somos o milagre dos milagres, o grande Mistério inescrutável.

Sétima:

Tudo e todos estão sujeitos ao Carma, e devem esgotá-lo em cada ciclo. Ensina a Doutrina Secreta que não existem seres privilegiados no Universo, assim em nosso sistema como nos outros, assim nos mundos externos como nos mundos internos — seres privilegiados à maneira dos Anjos da religião ocidental ou dos judeus. Um Dhyân Chohan não surge ou nasce como tal, subitamente, no plano da existência, isto é, como um Anjo plenamente desenvolvido; mas veio a ser o que é. A Hierarquia Celeste do Manvantara atual ver-se-á transportada, no próximo ciclo de vida, a Mundos superiores, e dará lugar a uma nova Hierarquia composta dos eleitos de nossa humanidade. A existência é um ciclo interminável no seio da Eternidade Absoluta, em que se movem inúmeros ciclos internos, finitos e condicionados. (*rígida, severa e conclusiva*) Deuses criados como tais não demonstrariam nenhum mérito pessoal em ser Deuses.

A filha é -de certo modo- a própria mãe, visto ser o seu sangue, o osso de seus ossos e a carne de sua carne. Em verdade, assim é. Mas só depois de penetrar no âmago do mistério do Ser é que se pode ter a perfeita compreensão desta verdade.

O semelhante só produz o semelhante. A Terra dá ao Homem o seu corpo; os Deuses (Dhyânis) lhe dão os seus cinco princípios internos, a sombra psíquica, da qual aqueles Deuses são, com freqüência, o princípio animador. O Espírito (Âtman) é uno e inseparável. Não está no Tiaou. Mas, que é o Tiaou? As constantes alusões ao Tiaou no *Livro dos Mortos* encerram um mistério. Tiaou é o caminho do Sol noturno, o hemisfério inferior ou a região infernal dos egípcios, que estes situavam no *lado oculto da lua*. No Esoterismo deles, o ser humano saía da Lua (um tríplice mistério, astronômico, fisiológico e psíquico, a um só tempo), atravessava todo o ciclo da existência, e voltava depois ao lugar de seu nascimento, para dele sair outra vez. Via-se, por isso, o Defunto chegando ao Ocidente, sendo julgado perante Osíris, ressuscitando como o Deus Hórus e descrevendo círculos em torno dos céus siderais, o que é uma assimilação alegórica a Ra, o Sol; atravessando o Nut, o Abismo Celeste, e voltando mais uma vez a Tiaou — à semelhança de Osíris, que, como Deus da vida e da reprodução, reside na Lua. Plutarco apresenta os egípcios celebrando uma festa denominada "*O Ingresso de Osíris na Lua*".

Rejeitar um é rejeitar o outro, pois o que constitui em nós a Entidade que sobrevive é, em parte, a emanção direta daquelas Entidades celestes, e, em parte, também elas próprias. O Homem provém, não de um Homem Celeste único, mas de um Grupo Setenário de Homens Celestes ou Anjos.

A Alma, cujo veículo corpóreo é o envoltório astral, etéreo-substancial, pode morrer, continuando o homem, não obstante, a viver sobre a terra. Quer dizer: pode a alma libertar-se do tabernáculo e abandoná-lo por diversas razões, tais como a loucura, a depravação espiritual e física etc. A possibilidade de que a Alma (isto é, o Ego eterno, espiritual) reside nos mundos invisíveis, enquanto seu corpo continua a viver na terra, é uma doutrina eminentemente oculta, máxime nas filosofias chinesa e budista. Há muitos homens sem alma entre nós, sabendo-se que este fenômeno ocorre com pessoas materializadas e perversas ao último ponto, assim como entre aqueles "*que se adiantaram em santidade e não mais retornam*".

Quando o ocultista diz que "*o Demônio é o inverso de Deus*" — o mal, o reverso da medalha — não pretende significar duas realidades separadas, senão dois aspectos ou facetas da mesma Unidade.

"*Eu sou a Chama de Três Mechas, e as minhas Mechas são imortais*" — diz o Defunto. "*Eu entro no domínio de Sekhem (o Deus cujas mãos espalham as sementes da ação produzida pela alma desencarnada) e na região das Chamas que destruíram os seus adversários (que se libertaram das Quatro Mechas geradoras do pecado)*".

(Helena narra como em uma fábula da Disney, jocosa)

Assim como milhares de centelhas reluzentes dançam sobre as águas de um oceano por cima do qual brilha somente uma lua, do mesmo modo as nossas personalidades transitórias — invólucros irrealis do imortal Ego-Mônada — rodopiam e tremeluzem nas ondas de Mâyâ. Surgem, e permanecem sobre as "*Águas Correntes*" da Vida durante o período de um Manvantara, à semelhança das miríades de cintilações produzidas pelos raios da lua enquanto a Rainha da Noite irradia o seu esplendor; e depois desaparecem, sobrevivendo tão-somente os "*Raios*" — símbolos de nossos Egos espirituais e eternos — que regressam à Fonte Materna e se tornam unos com ela, como eram dantes. (***rígida, severa e conclusiva***) Os Anjos aspiram a tornar-se homens; um homem perfeito, um homem-Deus, está acima de todos os Anjos.

(Volta à palestra.)

Não existe nada inorgânico no Cosmos. Tudo é vida, e cada átomo, mesmo o do pó mineral, é uma vida, muito embora pareça acima de nossa compreensão e percepção, por situar-se fora dos limites das leis conhecidas pelos que não admitem o Ocultismo.

(Fala olhando nos olhos do público e analisando cada célula de seu próprio corpo) Ensina a Ciência que nos organismos do homem e do animal, tanto vivos como mortos, formigam centenas de bactérias de espécies as mais diversas; que somos ameaçados externamente cada vez que respiramos, com a invasão de micróbios, e internamente por leucomaiñas, aeróbios, anaeróbios e muita coisa mais. Mas a Ciência ainda não foi ao ponto de afirmar, como o faz a Doutrina Oculta, que os nossos corpos, assim como os dos animais, as plantas e as pedras, são inteiramente formados de semelhantes seres, os quais, com exceção de suas espécies maiores, não podem ser observados pelo microscópio. Não só a composição química é a mesma, senão que as mesmas Vidas Invisíveis e infinitesimais formam os átomos dos corpos da montanha e da margarida, do homem e da formiga, do elefante e da árvore que o abriga do sol.

Epílogo:

...Alguns, cujas lâmpadas tinham mais brilho, Foram guiados, de uma causa a outra causa, Ao manancial secreto da Natureza: E viram que deve existir Um Princípio primordial...

O Universo é a manifestação periódica daquela Essência Absoluta e desconhecida.

O Universo é suficientemente real para os seres conscientes que o habitam, e que são tão ilusórios quanto ele próprio.

Tudo no Universo, em todos os seus reinos, é *consciente*, isto é, dotado de uma consciência que lhe é peculiar em seu próprio plano de percepção.

Um sentimento ou emoção *interna*, pela vontade ou volição, e pelo pensamento ou mente. Pois que nenhum movimento ou alteração exterior, quando é normal, se pode verificar no corpo externo do homem, sem que o provoque um impulso interno, comunicado por uma daquelas três funções, assim também sucede no Universo externo ou manifestado.

Os Anjos são homens de uma ordem superior... e nada mais. Cada um dos chamados "Espíritos" é ou um homem desencarnado ou um homem futuro. Porque, desde o mais elevado Arcanjo (Dhyân-Chohan) até o último Construtor consciente (a classe inferior das Entidades Espirituais), todos estes *são homens* que viveram em outros Manvantaras, em evos passados, nesta ou em outras Esferas; e os Elementais inferiores, semi-inteligentes e não-inteligentes, são todos homens futuros.

O *Preexistente*, o *Sempre Existente* (do qual promanou o primeiro) e o *Fenomenal*. Convidamos o estudante a que utilize sua própria intuição.

E, quando oraes, não sejas como os hipócritas... mas entra em tua câmara interna e, fechando a porta, ora a teu pai que está em segredo." Nosso Pai se acha dentro de nós "*em segredo*": é o nosso Sétimo Princípio, que está na "*câmara interna*" da percepção de nossa Alma. O "*Reino de Deus*" e do Céu está em nós — disse Jesus — e não fora. O "*Reino de Deus*" e do Céu está em nós — disse Jesus — e não fora.

A Matéria é Eterna. A Matéria é Eterna. A Matéria é Eterna. Não há matéria inorgânica ou "*morta*".

Nenhuma forma ou figura pode penetrar na consciência do homem, ou desenvolver-se em sua imaginação, sem preexistir como protótipo no plano subjetivo.

Mysterium é tudo aquilo que é capaz de desenvolver algo que aí se acha apenas em estado de germe. Uma semente é o Mysterium de uma planta, o ovo é o de um pássaro, o ventre de um ser humano.

Esfregue uma pedra na outra, com fé, e segundo diversos testemunhos, hoje científicos, se manifestará dali o fogo. De pedras, o fogo.

Glossário:

Mahat: O Entendimento, a Mente Universal, o Pensamento. É o primogênito de Pradhâna, primeira causa. Para alguns vedantinos, a manifestação de Prakriti, a matéria.

Shatva: O conhecimento puro, a raiz.

Svabhâvat: a "*Essência Plástica*" que preenche o Universo, é a raiz de todas as coisas. Termo Budista.

Dhyân Chohans: Poderes Vivos e Inteligentes. Os primeiros Deuses. Fohat. Construtores e Supervisores especiais.

Mûlaprakriti: a "*Essência Plástica*" que preenche o Universo, é a raiz de todas as coisas. Conceito abstrato hindu.

Âkâsha: Alma do éter. Luz Astral.

Brahman: Neutro, incognoscível, incompreensível, divindade suprema não manifestada.

Brahmâ: o macho-fêmea, o aspecto e imagem antropomórfica de Brahman, o Deus Supremo manifestado, arquétipo personificado usado por algumas religiões.

Pradhâna: Substância não diferenciada, ou o aspecto periódico de Mûlaprakriti.

Prahana: chamada Mâyâ, a Ilusão.

Anupâdaka: Sem pais, sem origem.

Prakriti: Fenômeno periódico de Mûlaprakriti, seu fantasma.

Manvantara: Manu-antara, entre dois Manus. Ciclo de atividade que parece infinito, mas é limitado e cíclico.

Mahayûgas: Grandes Idades, Quatro Idades.

Manu: o deus especial, o criador e formador de tudo quanto aparece no decorrer de seu próprio ciclo ou Manvantara. Dhyân Chohans.

Fohat: é o mensageiro veloz dos Manus (ou Dhyân Chohans) e aquele que faz os protótipos ideais expandirem-se de dentro para fora — ou seja, passarem de modo gradual e em escala descendente por todos os planos, desde o numênico ao fenomenal mais inferior, para que neles floresçam em plena objetividade, com o maximum de ilusão ou a matéria em seu estado mais grosseiro. O mensageiro da Ideação cósmica e humana; a força ativa na Vida Universal. É a Energia Solar, o fluido elétrico vital e o Quarto Princípio, o Princípio de conservação, a Alma Animal da Natureza, por assim dizer, ou a Eletricidade.

Nârâyana bramânico: (Aquele que Move as Águas), personificação do Eterno Alento do Todo inconsciente (ou Parabrahman) dos ocultistas orientais.

Lipika: Registradores diretos do Carma. Escrivões. Espíritos do Universo de alta ordem angélica.

Lanu: Discípulo.

Roda: Nossa Cadeia Planetária, a qual se compõe de sete Globos ou sete "Rodas" separadas (empregada agora a palavra em outro sentido).

Ronda: É a evolução em série da Natureza material nascente, nos sete Globos de nossa Cadeia, com seus reinos mineral, vegetal e animal (incluído o homem neste último e à sua frente), durante o período completo de um Ciclo de Vida, chamado pelos brâmanes um "*Dia de Brahmâ*".

Ain Suph: É chamado no Livro dos Números a "Alma de Fogo do Pelicano". Surge em cada Manvantara como Nârâyana ou Svâyambhuva, o Existente por Si, e, penetrando no Ovo do Mundo, dele sai no final da divina incubação, como Brahmâ ou Prajâpati, o progenitor do Universo futuro, no qual se expande. É Purusha (o Espírito), mas também é Prakriti (a Matéria). Por isso, unicamente depois de haver-se dividido em duas metades, Brahmâ-Vâch (a fêmea) e Brahmâ-Virâj (o macho), é que Prajâpati se torna o Brahmâ masculino.

LIVRO DE DZYAN

ESTÂNCIA I

AH-HI — Hierarquia de seres espirituais. Em sua totalidade são as Forças ou Potestades inteligentes que presidem às chamadas "*leis da Natureza*".

GRANDES CAUSAS DA DESGRAÇA — Os doze nidânas ou causas da existência, segundo a filosofia budista.

SETE SENHORES SUBLIMES — Os sete Logos planetários. As divindades que presidem às cadeias planetárias. Os Arcanjos Criadores dos cristãos. Os Ameshaspends dos zoroastrianos.

PARANISHPANNA — A Perfeição Absoluta ou Paranirvâna. O estado que se alcança no fim de um grande período de atividade ou Mahâmanvantara.

OLHO ABERTO DE DANGMA — Chamado na Índia o "*Olho de Shiva*". Significa a intensa visão espiritual do Adepto ou Jivanmukta. Não é a clarividência ordinária, mas a faculdade de intuição espiritual, por cujo intermédio se obtém direto e seguro conhecimento.

ALAYA — A Alma do Universo, a Super-Alma, segundo Emerson.

PARAMARTHA — Consciência e Existência Absolutas, o mesmo que Inconsciência e Não-Ser Absolutos.

ANUPÂDAKA — Sem pais, nascido sem progenitores. É o nome que na terminologia teosófica se dá ao segundo plano cósmico, onde a Mônada humana tem a sua verdadeira morada. Empregado na Estância para designar o Universo em sua eterna condição arúpica, antes de ser modelado pelos Construtores.

ESTÂNCIA II

CONSTRUTORES — Os arquitetos de nossos sistemas planetários. Hierarquias de Inteligências espirituais relacionadas com a formação da matéria dos diferentes planos e a elaboração das formas (veja-se Genealogia do Homem, de Annie Besant).

DEVAMÂTRI — A "*Mãe dos Deuses*". Aditi ou o espaço cósmico.

SVABHÂVAT — A essência plástica que enche o Universo. Sinônimo de Mûlaprakriti, ou seja, a Raiz da Matéria, não sendo, porém, matéria. Na Estância, De-vamâtri e Svabhâvat são descritas como se ainda não estivessem animadas pelo poder vibratório dos Construtores.

MATRIPADMA — Literalmente, Mãe-Lótus. O lótus é um antigo símbolo oriental do Cosmos, que se tornou popular porque a semente do lótus contém a miniatura perfeita da futura planta; indica, portanto, que os protótipos espirituais de todas as coisas já existem no mundo invisível antes de se materializarem na terra.

REGAÇO DE MÂYÂ — A grande ilusão. A manifestação ou aparência, por trás da qual está a única Realidade.

OS SETE — Veja-se: "*Sete Senhores Sublimes*", na Estância I.

ESTÂNCIA III

SÉTIMA ETERNIDADE — O mesmo que evo ou grande período. Manvantara.

OVO VIRGEM — Ovo eterno, do mundo ou do universo. Antigo símbolo típico da origem do universo procedente da matéria não diferenciada do espaço. Tal como no germe fecundado do ovo, com o despertar da energia cósmica criadora têm início a ação e a reação, surgindo do "*vazio arúpico*" as formas do Cosmos. O processo que se observa no desenvolvimento da célula germinal é o que dá melhor idéia da obra dos construtores invisíveis que atuam nos raios do Ovo do Mundo.

OEAHOHO — Nome místico de sete vogais que significa o Uno, o Pai-Mãe dos Deuses, o "*Seis em Um*", ou a Raiz Setenária, da qual tudo procede. Em outra acepção, é o nome da Vida Única manifestada, da eterna Unidade vivente.

LANU — Estudante ou discípulo.

OEAHOHO, O MAIS JOVEM — Parece referir-se ao Ishvara de nosso universo, o Logos do sistema solar.

O PAI-MÃE URDE UMA TELA — Em relação ao sloka 10.º, recomendamos ao leitor que observe o processo microscópico da célula e do tecido formado entre os dois corpos polares (negativo e positivo) de uma célula viva.

OS FILHOS — As Potestades, Inteligências ou Deuses dos elementos.

FOHAT — A Doutrina Secreta o define dizendo que é a força inteligente que enlaça o Espírito com a Matéria. É a ponte através da qual passam as idéias da Mente a imprimir-se na substância cósmica como leis da Natureza. Fohat é a energia dinâmica da "*ideação cósmica*". Em outros ensinamentos, Fohat é a "*eletricidade cósmica*", e neste sentido convém lembrar a relação que existe entre a eletricidade e a atividade cerebral. (Veja-se o sloka 2.º da Estância V.) Nota: Diz-se que o sloka 1.º desta Estância alude ao desenvolvimento das forças criadoras de acordo com a lei primária dos números; ao ressurgir das legiões de entidades cuja consciência fora absorvida na do Logos solar durante a noite do Pralaya ou período de não-manifestação.

ESTÂNCIA IV

FILHOS DO FOGO — Em outras escrituras são chamados As Chamas, Filhos da Mente, Pitris Agnishvatta, etc. São os que modelam a mente do homem; os Dispensadores do Fogo Divino. Em todas as religiões e mitologias, o Fogo simboliza a Divindade. (Vejam-se as Estâncias IV e VII do terceiro volume, e consulte-se a Genealogia do Homem, de Annie Besant.)

OI-HA-HOU — Segundo a definição da Doutrina Secreta, é "*a permutação de Oeaoohoo, e entre os ocultistas da Índia setentrional significa literalmente um torvelinho ou ciclone; mas na Estância indica o eterno e incessante movimento... É o eterno Kârana, a causa sempre ativa*".

ADI-SANAT — Literalmente, ancião primevo. O termo corresponde ao cabalístico "*Ancião dos Dias*".

OS FILHOS, OS SETE COMBATENTES, O UM, O OITAVO EXCLUÍDO - Referese o sloka à formação do sistema solar, não segundo a hipótese de Laplace, mas pela condensação da matéria cometária, de cuja massa giratória se despreendeu em primeiro lugar o nosso sol.

OS LIPIKA — Literalmente, escribas ou registradores do Carma; os ajustadores ou "*assessores*" do destino que cada homem constrói para si mesmo. Nota: Os slokas 3° e 4° desta Estância enumeram a ordem em que surgem os diversos graus e hierarquias das Potestades espirituais. "*Esferas, Triângulos, Cubos, Linhas e Modeladores referem-se às ordens da matéria elemental, isto é, os tattvas da filosofia hindu*". (Veja-se: *Evolução da Vida e da Forma*, de Annie Besant, e *As forças Sutis da Natureza*, de Rama Prasad.)

ESTÂNCIA V

O TORVELINHO DE FOGO — Fohat ou Mensageiro dos Deuses.

DZJU CONVERTE-SE EM FOHAT — O verdadeiro conhecimento ou sabedoria oculta se converte em Fohat, ou energia criadora ativa do pensamento.

TRÊS, CINCO E SETE PASSOS ATRAVÉS DAS SETE REGIÕES SUPERIORES E DAS SETE INFERIORES — Trata-se dos planos e subplanos do cosmos solar.

CENTELHAS — Átomos.

RODAS — Centros de força, em redor dos quais se forma a matéria cósmica que, passando por sucessivos estados de consolidação, vem finalmente a constituir os globos.

DIVINO ARUPA — O Universo de Pensamento sem forma.

CHÂÛ LOKA — O mundo nebuloso de forma primária.

OS QUATRO SANTOS — Os quatro Mahârâjas, Devas, Anjos ou Regentes, que superintendem e governam as forças cósmicas dos quatro pontos cardeais. A cristandade romana mantém esta crença em conformidade com o ocultismo oriental. Os governantes dos quatro pontos cardeais são, de acordo com a

tradição cristã:

Norte: Arcanjo Gabriel

Este: Arcanjo Miguel

Sul: Arcanjo Rafael

Oeste: Arcanjo Uriel

O ANEL "NÃO PASSARÁS" — Tem vários significados ocultos. Na Estância, a interpretação exata corresponde a limite de consciência de todas as entidades que pertencem ao nosso sistema. Se considerarmos a vasta área do sistema solar coextensiva com a aura do Logos solar, a superfície desta grande esfera será o Anel "*Não Passarás*", ou o extremo limite da consciência de todas as entidades em evolução no sistema, porque nessa aura "*vivemos, nos movemos e temos o nosso ser*".

KALPA — Período de manifestação.

O GRANDE DIA "SÊ CONOSCO" — O descanso de Pralaya, ou Paranirvâna, que corresponde ao Dia do Juízo dos cristãos.

ESTÂNCIA VI

KWAN-YIN, KWAN-SHAI-YIN, KWAN-YIN-TIEN — H. P. Blavatsky diz que esta Estância foi traduzida de um texto chinês, e que os nomes citados não têm equivalentes nos idiomas europeus; não sendo permitido tornar pública a verdadeira nomenclatura esotérica.

SIEN TCHAN — O nosso Universo.

O VELOZ E RADIANTE UM — Fohat.

CENTROS DE LAYA — Pontos ou núcleos em que tem início a diferenciação.

GERMES ELEMENTAIS — Os átomos da ciência.

DOS SETE — Os "*Elementos*" necessários para completar os sentidos.

TSAN — Fração.

NA QUARTA — A Quarta Raça ou Raça Atlante. (Veja-Se A Doutrina Secreta, volume III, para maiores informações.)

AS RODAS MAIS ANTIGAS — Os Mundos ou Globos desta Cadeia Planetária, em seus primeiros períodos de manifestação.

COMBATES RENHIDOS — As antigas cosmogonias e mitologias nos falam da "Guerra no Céu". Eis o que diz o Comentário ocultista: "Disseminados pelo Espaço, sem ordem nem sistema, os Germes do Mundo entram em freqüentes colisões antes da junção final, e depois se convertem em vagabundos (cometas). Então começam os combates e as lutas. Os mais antigos (corpos) atraem os mais jovens, enquanto outros os repelem. Muitos sucumbem devorados pelos companheiros mais fortes. Os que escapam vão constituir-se em Mundos." Tudo isso, bem considerado, deve ter relação com certos problemas astronômicos ainda não resolvidos.

PEQUENA RODA — É a nossa Cadeia de Globos.

Nota: A fraseologia do 4º sloka desta Estância deve ser cuidadosamente examinada à luz dos modernos conceitos astronômicos, que estão invalidando a hipótese de Laplace sobre a formação do sistema solar. Difere, neste ponto, o argumento das Estâncias. Os versículos restantes, transcritos no volume I de A Doutrina Secreta, dizem respeito tão somente à evolução de nossa terra e aos seus habitantes.

ESTÂNCIA VII

QUARTO RAI0 — Nossa Terra; o quarto Globo da Cadeia.

ESPÍRITO-MÃE — Atman.

ESPIRITUAL — Atma-Buddhi.

PRIMEIRO SENHOR — Ishvara ou Logos Solar.

SETE RADIANTES — Os Sete Logos Planetários ou Logos criadores.

BHÛMI — A Terra.

SAPTAPARNA — Planta sagrada de sete folhas, que simboliza o homem como ser constituído de sete princípios.

CHAMA DE TRÊS LÍNGUAS — A imortal Tríade Espiritual: Atma-Buddhi Manas.

MECHAS E CENTELHAS — As Mônadas humanas.

SETE MUNDOS DE MÂYÂ — Os sete Globos da Cadeia Planetária, e também as sete Rondas.

O QUÍNTUPLO LHA — Os Filhos da Mente ou Pitris Agnishvâta.

PEIXE, PECADO E SOMA — Três ocultos "*símbolos do Ser imortal*", sobre os quais não dá o Comentário maiores explicações.

PRIMEIRO NASCIDO — O Homem primitivo. Pode também significar a Primeira Raça.

VIGILANTE SILENCIOSO — A Mônada. O Deus interno do homem.

SOMBRA — Os veículos transitórios da Mônada.

MUTAÇÃO — Reencarnação ou renascimento.

VAHAN — Veículo.

CONSTRUTORES — Nesta passagem, são os Seres Celestiais que se encarnaram entre as primeiras raças humanas, para governá-las e instruí-las, na qualidade de Reis Divinos, Sacerdotes ou Chefes.

Nota: O 1.º sloka da Estância se refere às Hierarquias de Potestades criadoras. (Para o estudo desta Estância será conveniente consultar a obra *Genealogia do Homem*, de Annie Besant.)